

HERTA MÜLLER

O homem é um grande faisão no mundo

Um conto

Tradução

Tercio Redondo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2009 by Carl Hanser Verlag München
Todos os direitos reservados

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Der Mensch ist ein großer Fasan auf der Welt

Capa

Elisa v. Randow

Foto da capa

© Josef Koudelka/ Magnum/ Latinstock

Preparação

Jacob Lebensztayn

Revisão

Valquíria Della Pozza

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Müller, Herta

O homem é um grande faisão no mundo : um conto / Herta Müller ; tradução Tercio Redondo. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: Der Mensch ist ein großer Fasan auf der Welt.
ISBN 978-85-359-2216-5

1. Ficção alemã I. Título.

12-14830

CDD-833

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura alemã 833

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

A valeta

Há rosas em torno do monumento ao soldado. Elas formam uma moita cerrada. Cresceram tanto que sufocam a relva. São brancas, enroladinhas feito papel. Ciciam. Amanhece. Logo será dia.

Toda manhã, ao percorrer completamente só a rua que conduz ao moinho, Windisch conta o dia. Diante do monumento ao soldado conta os anos. Junto ao primeiro choupo, no ponto onde a bicicleta passa pela mesma valeta de sempre, conta os dias. E ao entardecer, quando fecha o moinho, Windisch conta os anos e os dias mais uma vez.

De longe, avista as pequenas rosas brancas, o monumento ao soldado e o choupo. E, havendo neblina, o branco das rosas e o branco da pedra passam-lhe rentes no caminho. Windisch atravessa-os. Windisch tem o rosto molhado e prossegue até completar o percurso. Por duas vezes restaram apenas os espinhos na moita de rosas e a erva rastejante apresentou um aspecto ferrugento. Por duas vezes o choupo esteve tão desfolhado, que o

tronco e os galhos quase se partiram. Por duas vezes houve neve no caminho.

Diante do monumento ao soldado Windisch conta dois anos e, na valeta diante do choupo, duzentos e vinte e um dias.

Todo dia, ao ser sacudido pela valeta, Windisch pensa: “O fim chegou”. Desde que resolveu emigrar, Windisch enxerga o fim em todo e qualquer ponto do vilarejo e, da mesma forma, o tempo parado daqueles que desejam ficar. E que o guarda-noturno fique é algo que Windisch continua a vislumbrar para além do fim.

E depois de haver contado duzentos e vinte e um dias e de a valeta tê-lo sacudido, desce finalmente da bicicleta. Encosta-a no choupo. Seus passos são ruidosos. No jardim da igreja pombos selvagens levantam voo. São cinzentos como a luz. Apenas o barulho os distingue.

Windisch benze-se. A maçaneta da porta está molhada. Gruda nas mãos de Windisch. A porta da igreja está trancada. Santo Antônio encontra-se atrás da parede. Porta um lírio e um livro marrom. Está cercado por uma grade.

Windisch sente frio. Contempla a rua abaixo. Onde ela termina a relva vai ao encontro do vilarejo. Ali, no fim da rua, passa um homem. O homem é um fio negro que caminha em direção aos arbustos. O relvado que ali viceja sustenta-o por cima da terra.

O sapo

O moinho está mudo. Mudam as paredes e mudo está o telhado. E as rodas estão mudas. Windisch apertou o botão do interruptor e apagou a luz. Entre as rodas irrompe a noite. O ar escuro engoliu o pó de farinha, os mosquitos, os sacos.

O guarda-noturno está sentado no banco do moinho. Dorme. Tem a boca aberta. Sob o banco reluzem os olhos de seu cachorro.

Windisch carrega o saco com as mãos apoiando-o nos joelhos. Encosta-o no muro do moinho. O cão olha e boceja. Os dentes brancos são uma dentadura.

A chave gira na fechadura da porta do moinho. A fechadura estala nos dedos de Windisch. Windisch conta. Windisch ouve o pulsar das têmperas e pensa: “Minha cabeça é um relógio”. Mete as chaves no bolso. O cachorro late. “Vou girá-la até que a mola rebente”, diz Windisch em voz alta.

O guarda-noturno desce o chapéu à testa. Abre os olhos e boceja. “Soldado em vigília”, diz.

Windisch vai até o açude do moinho. Na margem há um

monte de palha. É uma mancha escura no espelho d'água. A mancha afunda feito uma cratera. Windisch tira a bicicleta do meio do palheiro.

“Há um rato no palheiro”, diz o guarda-noturno. Windisch tira a palha do selim. Joga os fios de palha na água. “Eu o vi”, diz ele, “atirou-se na água.” Os fios de palha flutuam como fios de cabelo. Fazem pequenos remoinhos. A escura cratera flutua. Windisch observa sua imagem a trafegar.

O guarda-noturno dá um pontapé na barriga do cachorro. O cachorro solta um ganido. Windisch olha a cratera e ouve o ganido sob a água. “As noites são longas”, diz o guarda-noturno. Windisch retrocede um passo. Afasta-se da margem. Observa a imagem estática do monte de palha apartado da margem. O monte está tranquilo. Não tem nada a ver com a cratera. Ele é claro. Mais claro que a noite.

O jornal faz barulho. O guarda-noturno diz: “Minha barriga está vazia”. Apanha pão e toucinho. A faca brilha em sua mão. Mastiga. Coça o punho com a lâmina da faca.

Windisch empurra a bicicleta que está a seu lado. Observa a lua. Mastigando, o guarda diz em voz baixa: “O homem é um grande faisão no mundo”. Windisch ergue o saco e o põe sobre a bicicleta. “O homem é forte”, diz, “mais forte que um boi.”

Uma ponta do jornal esvoaça. O vento empurra feito uma mão. O guarda-noturno põe a faca no banco. “Dormi um pouco”, diz. Windisch curva-se sobre a bicicleta. Levanta a cabeça. “E eu acordei você”, diz. “Não foi você”, responde o guarda-noturno, “foi minha mulher que me acordou.” Limpa as migalhas de pão do casaco. “Eu sabia”, diz, “que não poderia dormir. É lua cheia. Sonhei com o sapo seco. Eu estava exausto. E não podia ir dormir. O sapo estava deitado na cama. Conversei com minha mulher. O sapo olhou com os olhos de minha mulher. Tinha a trança de minha mulher. Vestia sua camisola, que esta-

va suspensa até o ventre. Eu disse: ‘Cubra-se, suas coxas são flácidas’. Disse isso a minha mulher. O sapo desceu a camisola cobrindo as coxas. Sentei-me na cadeira ao lado da cama. O sapo sorriu com a boca de minha mulher. ‘A cadeira rangeu’, eu disse. A cadeira não havia rangido. O sapo pôs a trança de minha mulher no ombro. Era tão comprida quanto a camisola. Eu disse: ‘Seu cabelo cresceu’. O sapo ergueu a cabeça e gritou: ‘Você está bêbado, vai cair da cadeira’.”

A lua tem a mancha vermelha de uma nuvem. Windisch encosta-se na parede do moinho. “O homem é tolo”, diz o guarda-noturno, “e está sempre pronto a perdoar.” O cachorro come o couro do toucinho. “Perdoei-lhe tudo”, diz o guarda-noturno. “Perdoei-lhe o padeiro. O que ela fez na cidade, perdoei.” Roça a lâmina da faca com a ponta dos dedos: “O vilarejo todo riu de mim”. Windisch suspira. “Eu não podia mais olhá-la de frente”, diz o guarda-noturno. “Só não lhe perdoei uma coisa: que ela tenha morrido tão depressa, como se não tivesse ninguém.”

“Deus sabe”, diz Windisch, “pra que elas servem, as mulheres.” O guarda-noturno dá de ombros. “Não foram feitas pra nós”, diz. “Não pra mim, nem pra você. Não sei pra quem teriam sido.” O guarda-noturno acaricia o cachorro. “E as filhas”, diz Windisch, “Deus sabe, também elas serão mulheres.”

Uma sombra encobre a bicicleta e uma sombra encobre a relva. “Minha filha”, diz Windisch — sopesa a frase na cabeça —, “minha Amalie não é mais virgem.” O guarda-noturno contempla a mancha vermelha da nuvem. “As panturrilhas de minha filha são dois melões”, diz Windisch. “Como você diz, não posso olhá-la de frente. Ela tem uma sombra nos olhos.” O cachorro vira a cabeça. “Os olhos mentem”, diz o guarda-noturno, “as panturrilhas não mentem.” Separa os pés. “Observe o jeito como sua filha anda”, diz. “Se, ao andar, ela virar a ponta dos pés para o lado, então aconteceu.”

O guarda-noturno gira o chapéu nas mãos. O cão está deitado e observa. Windisch está calado. “Está serenando. A farinha vai umedecer”, diz o guarda-noturno, “o prefeito vai se zangar.”

Um pássaro voa sobre o açude; lentamente e em linha reta, como a seguir um fio esticado. Rente à água. Como se ela fosse terra. Windisch acompanha-o com os olhos. “Feito um gato”, diz. “Feito uma coruja”, diz o guarda-noturno. Põe a mão na boca. “Na casa da velha Kroner as velas ardem há três dias.” Windisch empurra a bicicleta. “Ela não pode morrer”, diz, “a coruja não pousou em nenhum telhado.”

Windisch atravessa o relvado e contempla a lua. “Ouça o que digo, Windisch”, exclama o guarda-noturno, “as mulheres traem.”

A agulha

As velas ainda ardem na casa do carpinteiro. Windisch estaca. A vidraça da janela rebrilha. Reflete a rua. Reflete as árvores. A imagem perpassa a cortina. Entra no quarto passando pelos ramalhetes que caem de seus encaixes. Um tampo de caixão está apoiado na parede ao lado da estufa azulejada. Aguarda a morte da velha Kroner. O nome dela está escrito no tampo. Apesar dos móveis, o quarto parece vazio porque está muito claro.

O carpinteiro está sentado na cadeira, de costas para a mesa. Sua mulher está diante dele. Ela veste uma camisola listrada. Segura uma agulha na mão. Da agulha pende um fio cinza. O carpinteiro estica o dedo indicador para a mulher. Com a ponta da agulha a mulher tira-lhe uma lasca de madeira encravada na pele. O dedo sangra. O carpinteiro contrai o dedo. A mulher deixa a agulha cair. Cerra os olhos e ri. O carpinteiro agarra-a metendo-lhe a mão por sob a camisola. A camisola sobe. As listras revolvem-se. Com o dedo sangrando o carpinteiro agarra os seios da mulher. Os seios são grandes. Tremem. O fio cinza dependu-

ra-se na perna da cadeira. A agulha balança com a ponta voltada para baixo.

A cama está ao lado do tampo do caixão. O travesseiro é de damasco. Está pontilhado de manchas, grandes e pequenas. A cama está estendida. O lençol é branco e a colcha é branca.

A coruja passa voando pela janela. Tão comprida quanto uma asa, ela voa na janela. Estremece durante o voo. A luz incide enviesada e a coruja se duplica.

Encurvada, a mulher anda pra lá e pra cá diante da mesa. O carpinteiro mete-lhe as mãos entre as pernas. A mulher observa a agulha que pende. Toma-a. O fio balança. A mulher deixa as mãos caírem. Fecha os olhos. Abre a boca. O carpinteiro puxa-a pelos pulsos levando-a para a cama. Joga as calças na cadeira. A cueca parece um pedaço de flanela branca nas pernas das calças. A mulher abre as pernas e dobra os joelhos. A barriga é uma massa de farinha. As pernas apoiam-se no lençol feito a guarnição de uma janela.

Sobre a cama há um retrato encerrado numa moldura preta. A mãe do carpinteiro encosta o lenço de cabeça na borda do chapéu do marido. O vidro tem uma mancha. A mancha repousa sobre o queixo. Na imagem ela sorri. Sorri pouco antes de morrer. Quase um ano antes. Sorri olhando para um cômodo vizinho.

Na fonte a roda gira porque a lua é grande e bebe água. Porque o vento se enreda nos raios da roda. O saco está úmido. O saco jaz sobre a roda traseira como alguém que dorme. “O saco repousa atrás de mim feito um morto”, pensa Windisch.

Windisch sente em sua coxa o membro teso, resoluto.

“A mãe do carpinteiro está fria”, pensa Windisch.

A dália branca

Em meio ao calor de agosto a mãe do carpinteiro pôs um grande melão num balde e desceu-o ao fundo do poço. A água se agitou em torno do balde. Rumorejou no contato com a casca verde. Resfriou o melão.

A mãe do carpinteiro foi até a horta com o facão. Uma canaleta servia de passagem à horta. A alface estava crescida. Sua folhagem cobria-se do leite branco que brota das hastes. A mãe do carpinteiro trazia o facão ao caminhar pela canaleta. Ali, onde começa a cerca e termina a horta, florescera uma dália branca. A dália crescera até a altura de seu ombro. A mãe do carpinteiro cheirou a dália. Cheirou longamente as pétalas brancas. Aspirou a dália. Esfregou a testa e olhou para o pátio.

A mãe do carpinteiro cortou a dália branca com o facão.

“O melão fora apenas um pretexto”, disse o carpinteiro após o enterro. “A dália foi seu destino.” E a vizinha do carpinteiro disse: “A dália foi uma visão”.

“Este verão foi tão seco”, disse a mulher do carpinteiro, “que a dália se encheu de contorcidas pétalas brancas. Ficou tão gran-

de como jamais uma dália pôde ficar. E porque não ventou neste verão ela deixou de cair. A dália havia muito expirado, mas não pudera murchar.”

“Não aguentamos isso”, disse o carpinteiro, “ninguém aguenta isso.”

Ninguém sabe o que a mãe do carpinteiro fez com a dália cortada. Não trouxe a dália para casa. Não a pôs na sala. A dália não foi encontrada na horta.

“Ela voltou da horta. Trazia o facão na mão”, disse o carpinteiro. “Havia algo da dália em seus olhos. O branco dos olhos estava seco.”

“Pode ser”, disse o carpinteiro, “que ela tenha esperado pelo melão e colhido a dália. Colheu-a na mão. Não havia nenhuma pétala solta no chão. Era como se a horta fosse uma sala.”

“Acho”, disse o carpinteiro, “que ela fez uma cova com o facão. Enterrou a dália.”

No fim da tarde a mãe do carpinteiro tirou o balde do poço. Pôs o melão na mesa da cozinha. Furou a casca com a ponta da faca. Girou o braço com o facão fazendo um círculo e partiu o melão ao meio. O melão reventou. Houve um estertor. No poço e na mesa da cozinha, e até que as duas metades se separassem, o melão ainda vivera.

A mãe do carpinteiro tinha os olhos abertos. Mas, por estarem tão secos quanto a dália, não se abriram muito. O sumo escorria da lâmina da faca. Os olhos, pequenos e hostis, contemplavam a polpa vermelha. As sementes pretas se amontoavam como os dentes de um pente.

A mãe do carpinteiro não cortou o melão em fatias. Dispôs as duas metades do melão à sua frente. Com a ponta da faca extraía-lhe a polpa vermelha. “Tinha então os olhos mais cúpidos que jamais vi”, disse o carpinteiro.

O sumo vermelho pingava sobre a mesa da cozinha. Pinga-

va do canto da boca. Pingava do cotovelo. O sumo vermelho do melão colou ao chão.

“Os dentes de minha mãe nunca foram tão brancos e tão frios”, disse o carpinteiro. “Ela comia e dizia: ‘Não me olhe assim, não olhe minha boca’.” Cuspia as sementes pretas na mesa.

“Desviei o olhar. Não saí da cozinha. Receava o melão”, disse o carpinteiro. “Pela janela, olhei para a rua. Passou um homem desconhecido. Caminhava apressado e falava sozinho. Às minhas costas eu ouvia minha mãe escavando o melão com a faca. Ouvia-a mastigando. E ouvia-a engolindo. ‘Mãe, eu disse sem olhar para ela, pare de comer’.”

A mãe do carpinteiro levantou a mão. “Gritou e eu olhei para ela porque gritara muito alto”, disse o carpinteiro. Ela se virara com a faca. “Isto não é um verão e você não é gente. Sinto uma pressão na frente. Uma queimação nas entranhas. Este é um verão que lança o fogo dos outros anos. Apenas o melão me refresca.”